



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA

BRUNA PEREIRA DA NÓBREGA

BICO DO TUCANO E AS HISTÓRIAS DAS MARGENS:
O entendimento do impacto das mudanças do Rio Tocantins por meio de narrativas
ribeirinhas.

BRUNA PEREIRA DA NÓBREGA

BICO DO TUCANO E AS HISTÓRIAS DAS MARGENS:

O entendimento do impacto das mudanças do Rio Tocantins por meio de narrativas ribeirinhas.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA como requisito de obtenção do título de licenciado em Sociologia.

Orientadora: Vanda Maria Leite Pantoja

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Nóbrega, Bruna Pereira da.

BICO DO TUCANO E AS HISTÓRIAS DAS MARGENS: : o
entendimento do impacto das mudanças do Rio Tocantins por
meio de narrativas ribeirinhas / Bruna Pereira da Nóbrega.
- 2025.

56 f.

Orientador(a): Vanda Maria Leite Pantoja.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
Sociologia, Universidade Federal do Maranhão,
Ufma/imperatriz, 2025.

1. Rio Tocantins. 2. História Oral. 3. Narrativas.
4. Identidade. 5. Memória. I. Pantoja, Vanda Maria
Leite. II. Título.

BRUNA PEREIRA DA NÓBREGA

BICO DO TUCANO E AS HISTÓRIAS DAS MARGENS: O entendimento do impacto das mudanças do Rio Tocantins por meio de narrativas ribeirinhas.

Monografia foi avaliada e apresentada à UFMA – Universidade Federal do Maranhão – Campus Universitário de Imperatriz, Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia para obtenção do título de Licenciada em Sociologia e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 13/11/2025

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Vanda Maria Leite Pantoja
Orientadora
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Edson Ferreira da Costa
Avaliador 1
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Rogerio de Carvalho Veras
Avaliador 2
Universidade Federal do Maranhão

Imperatriz - MA
2025

Dedico este estudo a todos os que estiveram ao meu lado nesta caminhada, aos meus filhos, que são minhas inspirações e principalmente à minha primogênita, Gabrielly Nóbrega, por nunca deixar de me apoiar, por me impulsionar a continuar quando eu queria desistir e por entender a importância dessa graduação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, sou grata a Deus por me proporcionar viver essa experiência. Ele foi minha principal fonte de força para a construção desta etapa da minha vida. Nos momentos de angústia e medo de não dar certo, era d'Ele que vinha coragem de continuar. “Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu” (Eclesiastes 3.1).

À minha filha Gabrielly Nóbrega, que sempre me ouviu, me apoiou e lia meus escritos, ela foi fundamental nessa jornada. Ela entendeu minha correria. Agradeço à minha mãe Glacinilde Oliveira por sempre imprimir os artigos que eu precisava estudar para entender e escrever meu estudo.

Ao meu companheiro Júlio Matheus Andrade, por entender minhas ausências, por sempre se fazer presente e por me incentivar a fazer esta graduação. Ele que estava ao meu lado quando fui aprovada. À minha amiga de trabalho e de vida Rosângela Domingos, ela fez parte do meu cotidiano às margens do Rio Tocantins.

Expresso também minha profunda gratidão aos amigos que me apoiaram e foram parte essencial dessa fase tão importante da minha vida. Sei que, mesmo dedicando essas palavras, não conseguirei citar todos, e peço desculpas por isso, mas, cito dois em especial, Wires Costa e Rafael Silva, vocês foram incentivo e exemplo dentro da Graduação. Também agradeço aos colegas de turma, com quem dividi momentos especiais.

À minha orientadora, Vanda Leite Pantoja, agradeço por ter sido sua orientanda. Agradeço por ter me ensinado a ter um olhar mais humano nas suas aulas, por incentivar e pela paciência demonstrada. Muito obrigada.

Expresso meu reconhecimento a todos os professores que contribuíram para minha formação, os senhores tiveram um papel crucial no meu desenvolvimento, tanto profissional quanto pessoal.

Por fim, sou grata ao meu eu do passado, sem ele eu não teria chegado aonde me encontro hoje.

“Não haveria passado se não houvesse memória e, consequentemente, não existiria a história. A memória representa o ponto de interseção entre a identidade do indivíduo e a história de vida que a moldou, assim como é da memória coletiva que se origina a identidade de um povo e a sua história” (Tognoli, 2009, p.125).

RESUMO

Os valores partilhados e consolidados pelos ribeirinhos foram se transformando ao longo do tempo, moldados pelas situações impostas pelas modificações ocorridas no Rio Tocantins. A vivência nas margens foi se fragmentando e se reconstruindo diante das mudanças naturais e antrópicas do rio. Este trabalho apresenta uma pesquisa sobre memórias e identidades do Rio Tocantins, construída a partir da perspectiva da população que vive em suas margens, na cidade de Imperatriz/MA. O principal objetivo é compreender como as transformações do rio desestruturam, influenciam e reconstroem o cotidiano de pescadores, barqueiros e demais pessoas que moram e trabalham em seus arredores. Para fundamentar a escrita, foram trabalhados os conceitos de patrimônio (Bortolotto, 2011), memória (Halbwachs, 1990; Pollak, 1992), identidade (Goulart; Perazzo; Lemos, 2005; Silva, 2017) e oralidade (Portelli, 1996; Fraser, 1993; Souza, 2002). A metodologia utilizada aliou-se à História Oral, com entrevistas realizadas entre 2023 e 2024, envolvendo pescadores, barqueiros, comerciantes e moradores das margens do Rio Tocantins. Essas entrevistas contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa, que busca compreender o significado do rio e seus sentidos simbólicos, a partir da visão compartilhada pelos indivíduos que vivem à sua beira. O estudo, de cunho antropológico, ambiental, cultural e histórico, visa compreender a realidade contemporânea frente ao passado do Rio Tocantins, observando as modificações na vegetação, o impacto da extração de areia e a construção de barragens. Tais atividades têm provocado significativas mudanças ambientais, no cotidiano e na economia das populações ribeirinhas. A desestruturação de costumes e a quebra da identidade local são consequências dessas ações, evidenciadas nas narrativas coletadas, que mostram também processos de resistência e reorganização das vivências. A nova realidade do rio reflete diretamente na identidade desse povo. A História Oral possibilitou a coleta de relatos e experiências que confirmam a importância do patrimônio imaterial na construção da história material e simbólica do Rio Tocantins.

Palavras-chave: Rio Tocantins. História Oral. Narrativas. Identidade. Memória.

ABSTRACT

The values shared and consolidated by the riverside dwellers have been transformed over time, shaped by the situations imposed by the changes that have occurred in the Tocantins River. Life along its banks has been fragmented and reconstructed in the face of the river's natural and anthropogenic transformations. This study presents research on the memories and identities associated with the Tocantins River, built from the perspective of the population living on its banks, in the city of Imperatriz, Maranhão. The main objective is to understand how the transformations of the river disrupt, influence, and reconstruct the daily lives of fishermen, boatmen, and other people who live and work in its surroundings. The study is grounded in the concepts of heritage (Bortolotto, 2011), memory (Halbwachs, 1990; Pollak, 1992), identity (Goulart; Perazzo; Lemos, 2005; Silva, 2017), and orality (Portelli, 1996; Fraser, 1993; Souza, 2002). The methodology used was ethnographic, combined with Oral History, through interviews conducted between 2023 and 2024 with fishermen, boatmen, merchants, and residents living along the Tocantins River. These interviews contributed to the development of the research, which seeks to understand the meaning and symbolic value of the river, from the shared perspective of those who inhabit its margins. The study, of anthropological, environmental, cultural, and historical nature, aims to understand the contemporary reality in relation to the past of the Tocantins River, observing changes in vegetation, the impact of sand extraction, and dam construction. Such activities have caused significant environmental changes, as well as transformations in the daily lives and economy of riverside populations. The disruption of customs and the erosion of local identity are consequences of these actions, as evidenced in the collected narratives, which also reveal processes of resistance and reorganization of ways of living. The new reality of the river directly reflects on the identity of its people. Oral History enabled the collection of stories and experiences that confirm the importance of intangible heritage in constructing the material and symbolic history of the Tocantins River.

Keywords: Tocantins River. Oral History. Narratives. Identity. Memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Orla da cidade de Imperatriz/MA	18
Figura 2: Vista parcial do porto de Imperatriz/MA.....	33
Figura 3: Rio Tocantins na época de cheia	36
Figura 4: Cais do Porto no período de estiagem – Imperatriz/MA.	37
Figura 5: Travessia de barco para a Praia do Meio em Imperatriz/MA.	37
Figura 6: Porto do Curtume na época de estiagem – Imperatriz/MA.....	39
Figura 7: Enchente do Rio Tocantins no Bairro Beira Rio, Imperatriz – MA.	40
Figura 8: Usina Hidrelétrica de Estreito.....	41
Figura 9: Draga Kissney, usada para a retirada de areia do Rio Tocantins.....	43
Figura 10: Praia do Cacau em 1998– Imperatriz/MA.	48
Figura 11: Praia do Cacau em 2018 – Imperatriz/MA.	48
Figura 12: Praia do Cacau em 2022 – Imperatriz/MA.	48

.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	16
2.1 Classificação da Pesquisa.....	16
2.2 Caracterização do Objeto de Estudo	17
2.3 Instrumentos de Coleta de Dados e Técnicas de Análise	18
2.4 Delimitação temporal	20
3 REFERENCIAL TEÓRICO-CONCEITUAL.....	21
4 A CIDADE E O RIO	30
4.1 A Cidade	30
4.2 O Rio Tocantins	35
5 MUDANÇAS NATURAIS, IMPACTOS AMBIENTAIS E SOCIAIS DOS RIOS	38
5.1 Mudanças Naturais	39
5.2 Impactos ambientais.....	40
5.3 Impactos Sociais.....	43
6 O ENTENDIMENTO DAS MUDANÇAS POR MEIO DAS NARRATIVAS	46
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (Pollak, 1992, p. 204).

O presente trabalho apresenta uma abordagem antropológica sobre a população ribeirinha, memória, identidade e patrimônio imaterial na cidade de Imperatriz no sudoeste do Maranhão. Focando na análise das práticas culturais e na reestruturação da identidade local, por meio dos conhecimentos e experiências compartilhados pelos nossos narradores, o estudo oferece uma contribuição à área do patrimônio imaterial, revelando não apenas os modos de vida tradicionais e as práticas culturais dessas populações das margens, mas também as complexas interações entre cultura e natureza ao longo do tempo.

O Rio Tocantins, com sua vastidão e importância ecológica, cultural e econômica, tem sido um elemento crucial para as comunidades ribeirinhas que se desenvolvem ao longo de suas margens. Essas populações não apenas dependem do rio para sua subsistência, mas também veem suas identidades e culturas profundamente entrelaçadas com as águas que fluem pelo coração da Amazônia. Imperatriz/MA é uma das cidades que surgem as margens do Rio Tocantins, sendo esse um elemento essencial para a história, a geografia e o desenvolvimento socioeconômico da cidade. Ele desempenha um papel multiforme, indo além de ser uma mera fonte de recursos naturais, influenciando profundamente a vida e a identidade da cidade e de seus habitantes.

A cidade nasce da água. A história urbana pode ser traçada tendo como eixos as formas de apropriação das dinâmicas hídricas. A trajetória das relações entre cidades e corpos d'água reflete, assim, os ciclos históricos da relação entre homem e natureza (Mello, 2008, p.300). À medida que as cidades cresceram e se industrializaram, os rios começam a sofrer consequências hidrodinâmicas¹ e ambientais significativos. O crescimento urbano desenfreado trouxe consigo a poluição, a alteração dos cursos naturais das águas e a degradação dos ecossistemas ribeirinhos. As alterações naturais e antropogênicas que ocorrem ao longo do Rio Tocantins vêm impactando de forma significativa a vida das pessoas que vivem em suas margens, provocando mudanças que vão além do aspecto ambiental, afetando a rotina, a cultura e a

¹ Consequências hidrodinâmicas referem-se aos efeitos ou mudanças que ocorrem na dinâmica das águas em um determinado ambiente, como rios, lagos ou oceanos, devido a intervenções humanas ou fenômenos naturais. Isso pode incluir alterações no fluxo de água, na velocidade das correntes, na distribuição de sedimentos, na erosão das margens, ou mesmo nas características das marés.

identidade dessas comunidades. Então, como as pessoas que vivem nas margens do Rio Tocantins, especialmente os ribeirinhos, se adaptam às contínuas mudanças ambientais que o rio impõe?

Em 2021, ao começar a trabalhar em um flutuante² atracado na margem esquerda do rio, fui diretamente exposta as modificações que o afetam. Para chegar ao trabalho, era necessário pegar uma embarcação nos portos localizados na margem direita³. Durante esse período, passei a conviver com barqueiros e autônomos que ali trabalhavam, ouvindo suas histórias e observando como eles se adaptavam às mutações do rio. Nesse mesmo ano, tornei-me moradora do bairro Caema, em Imperatriz/MA, que, ao lado do bairro Beira Rio, forma uma comunidade ribeirinha. Vivenciando de perto a época de cheia do Tocantins, testemunhei como ele avança sobre os bairros situados em suas margens, moldando a vida das pessoas conforme o ciclo de cheias e estiagem.

O contato diário com as histórias e experiências dessas pessoas, despertou em mim um profundo interesse em compreender as transformações sociais e ambientais que o rio impõe às comunidades ribeirinhas. Essas populações, moldam suas vidas em torno dessas mudanças e enfrentam desafios que impactam diretamente seu cotidiano e sua identidade cultural. O conhecimento acumulado por essas comunidades, transmitido oralmente de geração em geração, é um patrimônio imaterial de imenso valor que precisa ser preservado e compreendido.

A participação no XIV Encontro Regional Nordeste de História Oral⁴, realizado em novembro de 2023, com o tema “Narrativas de Resistência: História Oral e Temas Sensíveis” me fez observar a importância das narrativas e do patrimônio imaterial para a compreensão das dinâmicas sociais e ambientais. Esse encontro foi o estímulo necessário para o desenvolvimento deste projeto, que busca não apenas documentar as transformações vividas pelos ribeirinhos que margeiam o rio Tocantins, mas também dar voz a essas comunidades que frequentemente são marginalizadas em debates sobre desenvolvimento e preservação ambiental. O projeto procura investigar como o rio influencia o cotidiano a partir das histórias e memórias dos moradores das margens do Tocantins.

² Dispositivos flutuantes são tablados, casas, comércios, pousadas, pesqueiros, pier, rampas, atracadouros, passarelas, construções lançadas da terra sobre o corpo d'água e qualquer outra estrutura construída sobre pilares ou base flutuante instaladas nas faixas marginais e entorno dos rios, reservatórios e no espelho d'água. No caso, o flutuante é Piratas Flutuante localizado no bairro Boca da Barra na cidade de Bela vista/TO.

³ Na cidade de Imperatriz/MA.

⁴ XIV edição do Encontro Regional Nordeste da ABHO, realizado nas dependências do Prédio de História da Universidade Estadual do Maranhão, situada no Centro Histórico de São Luís, entre os dias 08 e 11 de novembro de 2023, no estado do Maranhão.

O título “Bico do Tucano” foi escolhido por fazer referência direta ao significado tupi da palavra Tocantins, “*Tuk’ã-tinga*”, que significa “bico de tucano”. Esse sentido ancestral revela a forma como os povos originários interpretavam o território e nomeavam suas paisagens, mostrando que tanto o rio quanto suas margens carregam uma dimensão histórica, simbólica e linguística muito anterior à ocupação urbana contemporânea.

Ao adotar uma abordagem que combina História Oral e Ambiental, esta pesquisa pretende identificar como transformações ocorridas no rio, afetam, desconstrói costumes e moldam o dia a dia das pessoas que vivem as margens do rio, recriando suas identidades diante desses desafios. A investigação se fundamenta em teorias de memória coletiva e narrativas orais, destacando a importância de compreender o patrimônio imaterial associado ao Rio Tocantins em Imperatriz/MA.

O uso da memória para identificar o impacto de tais transformações na vida ribeirinha revela os detalhes das práticas tradicionais e suas respostas adaptativas às mudanças ambientais e por meio de ação humana, oferecendo uma base para a formulação de políticas públicas eficazes e sensíveis às realidades locais. Para Halbwachs (1990), as memórias são criadas pelos grupos sociais, que decidem o que vale a pena ser lembrado e onde essa memória será guardada. Em outras palavras, memórias são, em grande parte, influenciadas pelo contexto social em que vivemos, refletindo as prioridades e significados atribuídos pelo grupo.

O objetivo principal da pesquisa é compreender por meio das narrativas das populações que vivem nas margens, como as alterações que afetam o rio, influenciam e moldam o cotidiano e a identidade de pescadores, barqueiros e pessoas que vivem e moram em seus arredores. Os objetivos específicos incluem analisar por meio de histórias orais e memória coletiva os impactos sociais e culturais das mudanças ambientais, investigar as estratégias de adaptação e resistência e explorar o papel da história oral como ferramenta de preservação do patrimônio imaterial dessas comunidades.

A ausência de análise e documentação das narrativas que oferecem uma perspectiva única sobre essas transformações, pode levar à perda irreparável de memórias e saberes que são fundamentais para a identidade das populações ribeirinhas. O patrimônio imaterial abrange os saberes, práticas, tradições e expressões culturais que são transmitidos de geração em geração e que compõem a identidade de um grupo social.

O conhecimento local permite uma análise aprofundada das interações entre o ambiente e as comunidades humanas. Sem a documentação e análise dessas experiências, corre-se o risco de ignorar as consequências das ações humanas sobre o rio e sobre as comunidades que dele dependem, resultando em políticas públicas inadequadas que podem agravar ainda mais os

impactos negativos sobre o meio ambiente e a vida dessas pessoas. A preservação e o estudo do patrimônio imaterial das populações ribeirinhas são essenciais para garantir que suas vozes sejam ouvidas e consideradas na formulação de ações que afetam diretamente suas vidas e seu meio ambiente.

Portanto, esta pesquisa busca não apenas documentar e compreender as experiências das populações ribeirinhas em face das mudanças ambientais, mas também valorizar e preservar suas narrativas como parte essencial do patrimônio imaterial. Ao analisar como essas transformações afetam o cotidiano e a identidade dessas comunidades, a pesquisa pretende contribuir para uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e culturais em torno do rio, ao mesmo tempo em que destaca a importância da história oral como uma ferramenta vital para a preservação e transmissão desse conhecimento.

O trabalho é constituído em primeiro momento em um referencial teórico que aborda o conceito de história oral, memória, identidade, patrimônio imaterial e história ambiental. Em seguida, o desenvolvimento da pesquisa discorre sobre fundamentos históricos e geográficos da cidade de Imperatriz/MA e do Rio Tocantins. Logo após, aborda as transformações ambientais e antrópicas que afetam nos rios, tratando dos impactos sociais que essas mudanças causam ao ambiente e às pessoas que vivem as margens do Tocantins. No resultado da pesquisa, analisamos por meio de entrevistas e narrativas, como as modificações fluviais moldam o cotidiano dos ribeirinhos.

O desafio para o futuro é encontrar um equilíbrio entre o desenvolvimento econômico e a preservação ambiental, fazendo uso dos saberes locais, garantindo que o Rio Tocantins continue a ser uma fonte de vida e prosperidade para Imperatriz e para as futuras gerações. As histórias compartilhadas contribuem para uma visão mais ampla e humanizada das mudanças ambientais e sociais, enriquecendo o patrimônio imaterial.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A presente pesquisa tem como ponto de partida a necessidade de compreender como as transformações ambientais e antrópicas no Rio Tocantins impactam o cotidiano e a identidade cultural das populações ribeirinhas de Imperatriz/MA. Como afirmam Lakatos e Marconi (2013), uma investigação científica nasce de um problema concreto e se desenvolve por meio de métodos sistemáticos que possibilitam ao pesquisador formular hipóteses, colher evidências e produzir conhecimento. Com base nisso, a metodologia adotada neste trabalho foi construída para captar, de forma sensível e profunda, as vivências, narrativas e práticas sociais dos sujeitos da margem.

2.1 Classificação da Pesquisa

Este estudo é de natureza qualitativa, com caráter exploratório e descritivo, e está inserido no campo das Ciências Sociais e Humanas. Utiliza uma abordagem que articula a História Oral e a História Ambiental, compondo assim um modelo metodológico interdisciplinar. A escolha por essas abordagens se justifica pela intenção de captar as experiências subjetivas e coletivas dos ribeirinhos a partir de suas próprias narrativas, respeitando seus modos de vida, seus saberes tradicionais e sua memória social.

A abordagem qualitativa, segundo Minayo (2014), é aquela que mais se adequa às pesquisas voltadas para a compreensão de significados, percepções, símbolos e representações. Ao invés de buscar generalizações estatísticas, ela privilegia a profundidade das informações e o sentido que os sujeitos atribuem às suas práticas e vivências. Ainda segundo a autora:

O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam (Minayo, 2014, p. 57).

O caráter exploratório está presente no fato de que a pesquisa busca compreender um fenômeno ainda pouco documentado localmente — as transformações sociais e ambientais do Rio Tocantins sob a ótica das populações ribeirinhas. Já o aspecto descritivo se refere à apresentação detalhada das características desse grupo social, suas práticas culturais, modos de adaptação e percepções sobre o território onde vivem, conforme propõe Gil (2002).

[...] a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente

conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias. (Gil, 2002, p. 53).

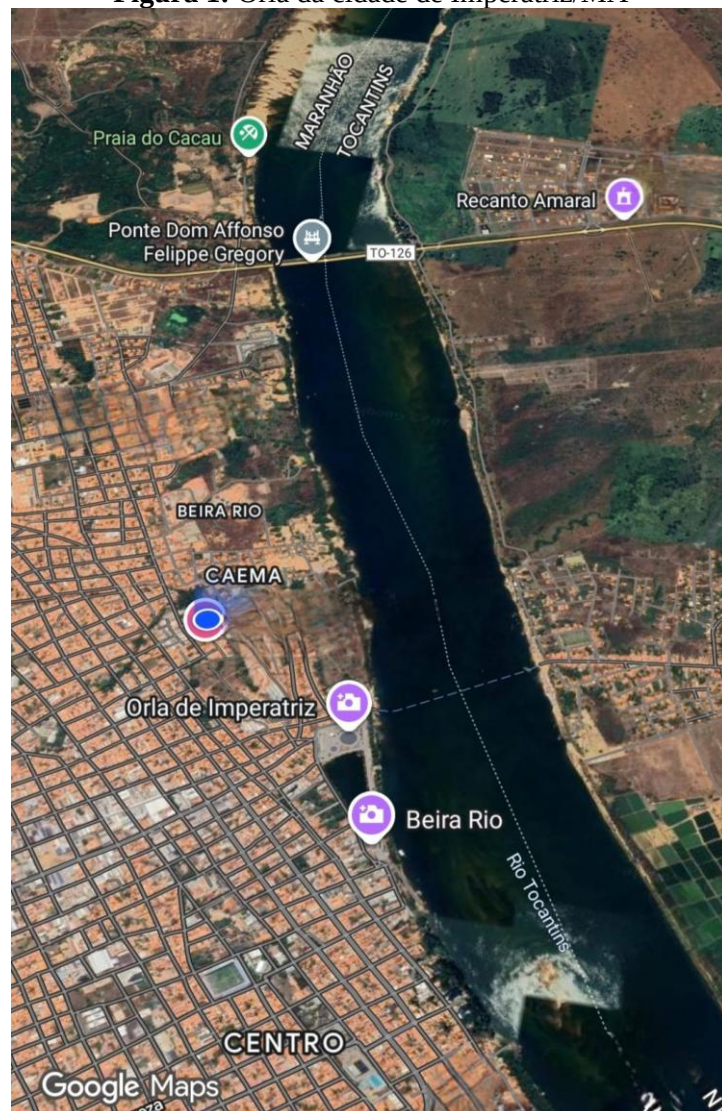
O método utilizado, permitiu a imersão da pesquisadora no contexto estudado, proporcionando a observação direta das dinâmicas sociais, dos saberes locais e das relações estabelecidas entre os sujeitos e o rio. A história oral foi utilizada como instrumento para coletar narrativas de vida, memórias e experiências que não estão registradas em fontes escritas. Já a história ambiental contribuiu para refletir sobre as interações entre sociedade e natureza, considerando o rio como um agente ativo na constituição das práticas sociais e identitárias dos grupos pesquisados.

2.2 Caracterização do Objeto de Estudo

O estudo foi realizado no município de Imperatriz, no estado do Maranhão, com foco nas margens do Rio Tocantins, sobretudo nos bairros Caema e Beira Rio, considerados áreas ribeirinhas por excelência. Esses bairros foram escolhidos por reunirem uma diversidade de moradores com vínculo direto com o rio, incluindo pescadores, barqueiros, comerciantes, lavadeiras, vendedores de praia e moradores antigos.

A escolha desse espaço territorial se justifica tanto pela relevância ambiental e histórica do rio para a cidade, quanto pela vivência pessoal da pesquisadora na região, o que permitiu uma inserção sensível e comprometida com a realidade estudada

Figura 1: Orla da cidade de Imperatriz/MA



Fonte: Google Maps, 2024.

2.3 Instrumentos de Coleta de Dados e Técnicas de Análise

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas, observação direta, análise documental e registros fotográficos. A seguir, detalham-se os procedimentos adotados:

a) Entrevistas e História Oral

As entrevistas seguiram os princípios da história oral temática, com base em Portelli (1997) e Fraser (1990), sendo voltadas à coleta de narrativas pessoais sobre a experiência de viver à beira do Rio Tocantins. Foram selecionados entrevistados com perfis diversos, representando diferentes relações com o rio (pescadores, barqueiros, trabalhadores de flutuantes, moradores antigos).

As entrevistas duraram entre 40 e 60 minutos, com gravação de áudio feita por telefone celular da pesquisadora, mediante autorização prévia dos participantes. Um roteiro semiestruturado foi elaborado, contendo perguntas abertas que abordavam temas como: a relação com o rio, percepções sobre as mudanças ambientais, impactos na vida cotidiana, práticas culturais, estratégias de adaptação e significados simbólicos atribuídos ao Tocantins.

Todas as entrevistas foram transcritas integralmente, preservando o vocabulário e as expressões dos entrevistados, com o intuito de valorizar a autenticidade das narrativas e o protagonismo dos sujeitos da pesquisa.

b) Observação direta

A observação participante foi realizada in loco, nas margens do Rio Tocantins, durante os períodos de cheia e estiagem. A pesquisadora, enquanto moradora do bairro Caema, pôde integrar-se ao cotidiano da comunidade, observando as práticas ribeirinhas em sua espontaneidade.

Foram observadas, entre outras situações: práticas de pesca artesanal, transporte fluvial, atividades de lazer e comércio na orla, deslocamentos diários de barqueiros, impactos de enchentes, uso do espaço urbano nas margens e modos de convivência com o ciclo do rio. Anotações em caderno de campo e registros fotográficos foram utilizados como suporte para a sistematização das observações.

c) Pesquisa documental e registros visuais

Como forma de ampliar as fontes de análise, foram buscados documentos e imagens públicas sobre o Rio Tocantins e sua relação com a cidade de Imperatriz. Foram utilizadas ferramentas como Google Imagens, Instagram e o site da Prefeitura de Imperatriz, com as palavras-chave: “Rio Tocantins”, “Imperatriz/MA”, “praia”, “margem”, “cheia” e “seca”.

Também foram incluídos registros fotográficos pessoais realizados durante a pesquisa de campo. As imagens serviram tanto como apoio às entrevistas quanto como material de análise sobre as transformações visíveis do território. O aplicativo WhatsApp foi utilizado como ferramenta de comunicação com os entrevistados, facilitando o agendamento de encontros e o envio de informações durante o processo de campo.

2.4 Delimitação temporal

A pesquisa de campo ocorreu entre 2021 e 2024, período em que a pesquisadora teve contato direto e cotidiano com os moradores da margem do Tocantins. Essa vivência ampliou a sensibilidade da observação e favoreceu a escuta atenta das narrativas, contribuindo para a construção de uma análise comprometida com os sujeitos da pesquisa.

3 REFERENCIAL TEÓRICO-CONCEITUAL

A História Oral (HO) é uma metodologia de pesquisa que envolve a coleta e análise de testemunhos orais de pessoas sobre suas experiências, memórias e perspectivas em relação a eventos, períodos históricos ou aspectos culturais. É uma ferramenta enriquecedora para explorar a memória coletiva e individual, oferecendo uma conexão viva entre o passado e o presente através das narrativas das pessoas que o vivenciaram. Souza (2002) aponta que “Na atualidade, a aplicação da história oral é um importante instrumento nas ciências humanas e sociais.”

Segundo Portelli⁵ (2016), “[...] as fontes, orais são utilizadas como o eixo de um outro tipo de trabalho histórico, no qual questões ligadas a memória, narrativa, subjetividade e diálogo moldam a própria agenda do historiador.” Assim, diferente das fontes tradicionais de pesquisa histórica, como documentos escritos, a história oral se baseia na oralidade, permitindo que as vozes de indivíduos e grupos que frequentemente não são representados em registros formais sejam ouvidas e registradas, se revelando fundamental no aprofundamento do conhecimento sobre vivências e experiências.

A prática da história oral geralmente envolve entrevistas gravadas, nas quais o entrevistado compartilha suas lembranças e interpretações sobre eventos específicos ou a vida cotidiana. Essas entrevistas são transcritas, analisadas e contextualizadas para compor um quadro mais amplo da história, permitindo também que o entrevistador relacione a história escrita à história vivida. Para Portelli:

[...] as fontes orais não são encontradas, mas cocriadas pelo historiador. Elas não existiriam sob a forma em que existem sem a presença, o estímulo e o papel ativo do historiador na entrevista feita em campo. Fontes orais são geradas em uma troca dialógica, a entrevista: literalmente uma troca de olhares. Nessa troca, perguntas e respostas não vão necessariamente em uma única direção. (Portelli, 2016, p.10)

O processo de entrevista em história oral não se resume a uma técnica, mas sim a um encontro entre subjetividades, onde o pesquisador precisa estar profundamente preparado para captar os detalhes que antecedem a conversa. Essa preparação é crucial para que a coleta de testemunhos se torne eficaz, uma vez que a história oral se baseia na construção de um espaço

⁵ Alessandro Portelli é professor de literatura norteamericana na Università di Roma "La Sapienza". É autor de inúmeros livros de literatura e de história oral, e desenvolveu diversos trabalhos de campo nos Estados Unidos e na Itália. Ele define a história oral como "uma arte da escuta", uma prática à qual se dedicou por décadas, oferecendo uma contribuição inestimável que o consolidou como o teórico mais influente da área.

de confiança e diálogo, onde o entrevistado se sinta à vontade para compartilhar suas memórias e interpretações.

As narrativas, não são meramente relatos de eventos passados, mas sim, são formas complexas de dar sentido às coisas, misturando diferentes visões, falas e histórias que trazem tanto conflitos quanto pontos em comum. Narrar vivências, nesse caso, é criar uma ponte entre o real e o simbólico, transformando a experiência vivida em algo que pode ser compartilhado e entendido por outras pessoas, não só enriquecendo a historiografia com novas perspectivas e detalhes, mas também ajuda a entender melhor como se formam as memórias e a identidade coletiva.

Ao se ativar a memória, quando o indivíduo é chamado a narrar, busca as suas lembranças sobre o tema suscitado, mas também tudo aquilo que a ele está ligado, expondo conexões que nem sempre são percebidas através de uma leitura comum. No momento da narração o autor busca também a códigos linguísticos e semânticos socialmente conhecidos para se fazer entender. Este processo de elaboração intelectual, consciente e/ou inconscientemente condicionado, dará a narrativa um estilo que é muito importante na abordagem do texto oral (Souza, 2002, p.3).

Durante a entrevista, o entrevistado pode acabar pensando profundamente sobre suas próprias práticas, se emocionando e até mudando suas ideias ao se deparar com alguém que realmente o ouve e faz perguntas. Esse processo de diálogo pode trazer à tona novas perspectivas e sentimentos, já que a interação com o entrevistador faz com que ele pense mais sobre o que está compartilhando e sobre como isso se encaixa na sua própria visão do mundo. Para Le Vem et al:

As entrevistas permitem ao entrevistado uma reformulação de sua identidade, na medida em que ele se vê perante o outro. Ele se percebe "criador da história" a partir do momento em que se dá conta que, mesmo minimamente, transformou e transforma o mundo (talvez até sem ter a consciência disso), questionando elementos da vida social. Então ele pára e reflete sobre sua vida e este momento é acirrado pelas entrevistas, ocorrendo com frequência _ se vê como um ator social e "criador da história". Essas pessoas, de objetos da pesquisa, se tornam sujeitos, pois percebem não só sua história de vida, mas seu projeto de vida nesse processo de autoanálise (Le Vem, 1997, p. 220).

Alessandro Portelli destaca que,

O principal paradoxo da história oral e das memórias é, de fato, que as fontes são pessoas, não documentos, e que nenhuma pessoa, quer decida escrever sua própria autobiografia [...], quer concorde em responder a uma entrevista, aceita reduzir sua própria vida a um conjunto de fatos[...] (Portelli, 1996, p.2).

Fraser⁶ (1993), em “História Oral, História Social”, aponta a subjetividade, a autorrepresentação⁷, a forma que a história é narrada e o ato de como essas fontes são moldadas com a ajuda do pesquisador, como os pontos principais que diferem as fontes orais das fontes escritas, ressaltando que os quatro pontos precisam ser analisados juntos, pois eles se misturam nas narrativas. quando se trata da subjetividade, “[...] falamos não da subjetividade em si, coisa inabarcável, indizível, mas da subjetividade acessível ao pesquisador.” (Fraser, 1993, p. 132). Ele a define como não sendo algo que vemos como uma característica pessoal ou um comportamento individual, mas sim como uma representação que surge da mistura entre o público e o privado, da formação cultural da pessoa, e das exigências e ajustes que o dia a dia pede e que são importantes para contar a história.

Para Portelli (1996), subjetividade pode ser vista como um problema na pesquisa histórica e social por alguns motivos. Primeiro, é difícil de controlar e entender, pois é algo muito pessoal e imprevisível. Segundo, fica complicado tirar conclusões gerais a partir de experiências individuais, já que a subjetividade está ligada a cada pessoa, enquanto a história e a pesquisa social focam em grupos maiores. Além disso, ao excluir a subjetividade, corre-se o risco de distorcer a realidade ao tentar quantificar experiências humanas complexas. Portanto, “[...] por muito controlável ou conhecida que seja, a subjetividade existe, e constitui, além disso, uma característica indestrutível dos seres humanos” (Portelli, 1996, p.3). “Se formos capazes, a subjetividade se revelará mais do que uma interferência; será a maior riqueza, a maior contribuição cognitiva que chega a nós das memórias e das fontes orais” (Portelli, 1996, p.4).

Quando se tem acesso a fontes orais fica claro que o narrador busca representar-se como um ser coerente no tempo e no espaço. A narrativa é a representação da vida e do mundo no qual o sujeito está inserido. Racionalidade e irracionalidade, consciente e inconsciente, presente e passado, subjetivo e coletivo interagem na configuração que o indivíduo dá a si, aos fatos que viveu e que vai narrar, tendo como mediadora permanente a memória (Souza, 2002, p.3).

Através dessa interação a pessoa constrói sua narrativa pessoal, dando sentido aos eventos que viveu. A memória, nesse contexto, desempenha um papel central, funcionando como um filtro que organiza e conecta essas experiências, permitindo que o indivíduo intérprete e reconte sua própria história de forma coerente.

⁶ Ronald Angus Fraser historiador britânico, que foi um dos pioneiros da história oral nas décadas de 1960 e 1970.

⁷ Baseada no pensamento de Ronald Fraser, Carla Monteiro de Souza discorre sobre o conceito de autorrepresentação no seu artigo Memória E Oralidade: Entre O Individual E O Social. Para ela, autorrepresentação é um processo que envolve um certo essencialismo, onde o indivíduo se identifica e categoriza os “outros”, emitindo julgamentos e opiniões. A interação social desempenha um papel importante, pois a auto-representação ajuda a criar laços de pertencimento, influenciados por fatores culturais e sociais.

Halbwachs⁸ (1990) defende que a memória não é só uma questão pessoal, mas também algo que depende do coletivo. Para ele, o que lembramos está sempre sendo reconstruído dentro dos contextos sociais em que vivemos, portanto, a memória é um fato social e coletivo. Ela é resultado de interações com um mundo já existente e com o sistema social. A memória deve ser entendida através dos “quadros sociais da memória” e não isoladamente. Para o autor, “[...]cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com os outros meios” (Halbwachs, 1990, p.51).

Segundo ele, o sujeito é composto por duas categorias de memória, a individual e a coletiva,

Admitimos toda via que haja, para as lembranças, duas maneiras de se organizar e que possam ora se agrupar em torno de uma pessoa definida, que as considere de seu ponto de vista, ora distribuir-se no interior de uma sociedade grande ou pequena, de que elas são outras tantas imagens parciais. Haveria então memórias individuais e, se o quisermos, memórias coletivas (Halbwachs, 1990, p.53).

Isto posto, Halbwachs aponta que o indivíduo participa das duas categorias, mas adota atitudes diferentes em cada uma delas. Na memória individual, o sujeito organiza suas lembranças com base em sua experiência pessoal, dando ênfase ao que considera relevante para si e ao que o diferencia dos demais. Por outro lado, na memória coletiva, ele atua como integrante de um grupo, contribuindo para preservar e evocar recordações que são de interesse comum.

Essas duas formas de memória podem se sobrepor, especialmente quando a memória individual recorre à coletiva para preencher lacunas ou confirmar determinadas lembranças. No entanto, cada uma segue seu próprio curso. Quando uma lembrança individual é incorporada à memória coletiva, ela se transforma, integrando-se a um contexto mais amplo e deixando de ser exclusivamente pessoal, “[...] algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal” (Halbwachs, 1990, p.53-54). Logo, recordar é uma ação compartilhada, ou seja, o que recordamos está sempre conectado com as lembranças de outras pessoas, que fazem parte do nosso grupo social, criando uma memória compartilhada, com influências e interações entre várias pessoas e tempos diferentes.

⁸ Maurice Halbwachs foi um sociólogo francês da escola durkheimiana. Escreveu uma tese sobre o nível de vida dos operários, e sua obra mais importante é o estudo do conceito que ele mesmo criou de memória coletiva.

Michael Pollak em 1992, aponta que a memória tem vários elementos, e alguns deles envolvem importância e transmissão, tanto no nível individual quanto no coletivo. Isso já dá uma ideia de como a memória funciona. “A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado.” (Pollak, 1992, p. 203). Além disso, parte da nossa memória é herdada, ou seja, não se limita só às nossas próprias experiências de vida, passando por mudanças, que dependem do contexto em que ela está sendo trazida à tona, como é expressa.

[...] a memória é um fenômeno construído. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização (Pollak, 1992, p. 204).

Sendo a memória uma construção, ela é um processo ativo de organização, onde a pessoa seleciona, esquece ou relembra de acordo com suas experiências, emoções e o contexto social. Esse processo envolve escolhas intencionais e mecanismos inconscientes que moldam o que será lembrado ou esquecido. Além disso, Pollak (1992) discorre que parte da nossa memória é herdada, ou seja, a que não se limita só às nossas próprias experiências de vida, aquela que é transmitida de geração em geração. Há uma conexão muito forte entre o que lembramos e nosso senso de identidade. As memórias herdadas ajudam a definir quem somos, pois estão profundamente ligadas às nossas origens, tradições e experiências coletivas, influenciando nosso sentimento de pertencimento e identidade.

Para relacionar memória e identidade, Pollak considera o senso de identidade em seu aspecto mais superficial,

[...], mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (Pollak, 1992, p.204).

Portanto, o senso de identidade é entendido de forma simples, como sendo a imagem que uma pessoa constrói de si mesma ao longo da vida. Essa imagem é construída para se apresentar tanto para si quanto para os outros, influenciando como ela se vê e como quer ser vista. Pollak (1992) recorre à literatura da psicologia social para destacar três elementos principais que são presentes na formação da identidade: o senso de unidade física (corpo ou pertencimento ao grupo), a continuidade no tempo (física e emocional) e a coerência entre as partes que formam o indivíduo.

A memória é crucial nesse processo, pois garante a continuidade e a coerência da identidade, tanto pessoal quanto coletiva, “Podemos portando dizer que, a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade” [...] ⁹. Além disso, a imagem que temos de nós mesmos é sempre afetada pelos outros, sendo continuamente ajustada e negociada por meio das relações sociais, “A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros” (Pollak, 1992, p.204). Sendo assim, identidade não é um conceito fixo ou definitivo, mas sim flexível e sujeito a mudanças, conforme as interações dos indivíduos nos contextos político, social e cultural. Para Goulart, Perazzo e Lemos:

[...] identidade indica semelhança a si próprio a partir de um processo de reconhecimento do outro. A identidade coletiva de um grupo processa-se a partir de sentimentos de pertencimento a esse grupo, garantido por imagens ou símbolos que permitem o reconhecimento do outro como a mim mesmo (Goulart; Perazzo; Lemos, 2005, p. 158).

“Cada indivíduo compõe sua identidade a partir de sua multiplicidade de pertencimentos e inserções, pelo trânsito em diversos mundos, atuando em diversos papéis e interagindo em contextos distintos” (Rostoldo, 2021, p. 158). Cada indivíduo faz parte de diferentes grupos e contextos, desempenha diferentes papéis e se movimenta entre vários "mundos" sociais, culturais e profissionais. Essa interação com múltiplos ambientes contribui para a construção de uma identidade que é dinâmica e multifacetada, refletindo a complexidade de suas experiências e relações.

A formação da identidade é um processo constante e complexo, influenciado por fatores como interação social, experiências pessoais e ambiente cultural. Relações com família, amigos e sociedade moldam crenças e comportamentos, enquanto vivências, desafios e conquistas definem como nos enxergamos. A cultura, com suas tradições e normas, também influencia nossa visão de mundo. Além disso, a autoavaliação e reflexão sobre nossas características e valores são essenciais. A identidade é flexível e se transforma ao longo do tempo, adaptando-se a novas experiências e relações.

A constituição da identidade do ribeirinho não tem a ver só com as suas raízes. Ela é resultado de uma construção histórica e social que não pode se perder na ideia de algo que não se transforma, pois os processos de identidade e os vínculos adquiridos de pertencimento se formam tanto pelas gerações que traduzem o que é único de cada

⁹ Pollak, 1992, p. 204.

cultura através de práticas e vivências do ribeirinho, quanto pelo caminho que será percorrido por ele [...] (Silva¹⁰, 2017, p.8).

Assim, a identidade dos ribeirinhos é formada por uma combinação de fatores relacionados à sua convivência com o ambiente natural, principalmente os rios, e as relações sociais e culturais que mantêm dentro de suas comunidades. A relação com o rio, que define o ritmo de vida, as atividades econômicas, como pesca e agricultura, e as tradições culturais, é central. Além disso, a memória coletiva, passada de geração em geração, os costumes locais, a linguagem e as formas de organização comunitária também desempenham um papel fundamental. As experiências pessoais, o contato com o ambiente urbano e as mudanças socioambientais, como a construção de barragens ou a variação no ciclo das águas, influenciam a adaptação e transformação dessa identidade ao longo do tempo.

Esses elementos nos remetem aos elementos que constituem o conceito de patrimônio cultural imaterial, que segundo Bortolotto:

Por “patrimônio cultural imaterial” se entende a práxis, as representações, as expressões, os conhecimentos, os saberes como também os instrumentos, os objetos, os artefatos e os espaços culturais associados a esses que a comunidade, os grupos e em alguns casos, os indivíduos reconheçam como parte de seu patrimônio cultural. Esse patrimônio cultural imaterial, transmitido de geração a geração, é constantemente recriado pela comunidade e pelos grupos em resposta aos seus ambientes, suas interações com a natureza e suas histórias, bem como seu sentido de identidade e continuidade, promovendo desse modo o respeito pela diversidade cultural e a criatividade humana (Bortolotto, 2011, p. 9).

No contexto das comunidades ribeirinhas, o patrimônio cultural imaterial¹¹ está ligado aos saberes e práticas transmitidos de geração em geração, como a pesca, a agricultura e as tradições religiosas e culturais. Essas práticas são moldadas pela interação com o ambiente natural, como os rios e florestas, e refletem a história e a experiência de vida dos ribeirinhos. O conceito de memória coletiva pensando e discutido por Halbwachs é fundamental para esse patrimônio ribeirinho, pois é por meio dela que o conhecimento e os costumes são passados e recriados em concordância com as mudanças no ambiente e nas relações sociais. Essa memória contribui diretamente para a construção e manutenção da identidade¹² ribeirinha, que se adapta e se reinventa ao longo do tempo, sem perder seu vínculo com a tradição. Esse processo de

¹⁰ Bacharel em Serviço Social, Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus Universitário do Marajó-Breves. E-mail: iedar.silva@hotmail.com

¹¹ Em 1989, a UNESCO criou a Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura e Tradição Popular, reconhecendo a importância dos modos de vida, conhecimentos e práticas das comunidades tradicionais, consideradas "tesouros da humanidade".

¹² Identidade essa, que Pollak (1992) aponta como um fenômeno construído socialmente, que é influenciada pelas relações e negociações com os outros.

continuidade garante o respeito à diversidade cultural e destaca a criatividade na forma como os ribeirinhos se relacionam com seu entorno e preservam suas tradições.

Nesse sentido, o patrimônio imaterial dos ribeirinhos está intimamente ligado à história ambiental da região, que envolve tanto as mudanças naturais do rio quanto as intervenções humanas que transformam a paisagem e impactam diretamente o modo de vida dessas populações. A história ambiental, como campo de estudo, investiga as interações entre seres humanos e o ambiente ao longo do tempo, com foco nas consequências dessas interações para as paisagens naturais e as sociedades. Para Worster, história ambiental é constituída por,

[...] uma investigação única e dinâmica, na qual natureza, organização social e econômica, pensamento e desejo são tratados como um todo. E esse todo muda conforme mudam a natureza e as pessoas, numa dialética que atravessa todo o passado e chega até o presente (Worster, 1991, p. 202).

Haja vista, ela permite compreender as transformações no uso dos recursos naturais, as alterações nos ecossistemas e as adaptações sociais que decorrem dessas mudanças, pois “Seu objetivo principal se tornou aprofundar o nosso entendimento de como os seres humanos foram, através dos tempos, afetados pelo seu ambiente natural e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados” (Worster, 1991, p. 199-200).

Ao pensar, o patrimônio imaterial das populações ribeirinhas à luz da história ambiental, podemos destacar a resiliência e a capacidade adaptativa desses grupos diante das transformações que o ambiente impõe. Um exemplo importante dessa interseção entre patrimônio imaterial e história ambiental é o modo como as comunidades ribeirinhas reinterpretem suas práticas diante da modernização e das grandes obras de infraestrutura, como as hidrelétricas.

No entanto, mesmo diante dessas mudanças drásticas, os ribeirinhos mantêm um forte senso de pertencimento¹³ ao rio e à sua história, preservando suas tradições e reinventando-as conforme novas realidades se impõem. Essa capacidade de adaptação demonstra a importância do patrimônio imaterial como um recurso dinâmico, capaz de se transformar sem perder sua essência cultural.

Ao conectar o patrimônio imaterial com a história ambiental, torna-se possível compreender de maneira mais profunda como as transformações no ambiente afetam a vida das

¹³ Em relação ao pertencimento trabalhado na pesquisa, fazemos uso do pensamento de Silva:

“Em relação à consciência de pertencimento a um espaço, a uma região, esta é constituída a partir de práticas e representações de um local envolvendo a direção sobre um determinado espaço e a assimilação simbólico e/ou significativa do lugar.” (Silva, 2017, p. 10).

populações e como essas populações, por sua vez, respondem a essas mudanças. Através da memória e da história oral — ferramenta fundamental da história ambiental, pois documenta as respostas humanas às transformações ambientais, incluindo práticas tradicionais que buscam a sustentabilidade e a convivência harmoniosa com o rio — essas populações narram suas experiências com essas mudanças, criando um acervo de saberes imateriais que reflete a resiliência e adaptação diante das alterações no ecossistema.

Essa abordagem amplia a compreensão sobre a importância de preservar não só os recursos naturais, mas também os saberes e práticas culturais que emergem das relações entre o ser humano e o meio ambiente. Assim, a história ambiental e o patrimônio imaterial se entrelaçam, oferecendo uma visão rica e complexa das vidas e identidades ribeirinhas ao longo do Rio Tocantins.

4 A CIDADE E O RIO

Situada no sudoeste do estado do Maranhão, a cidade de Imperatriz surge e se desenvolve meio a um processo histórico e geográfico, onde a relação entre os fatores sociais, naturais e econômicos se reproduzem. De acordo com o livro "Imperatriz: Cidade da Gente - História e Geografia: Estudos Regionais"(2020), a criação e a evolução inicial de Imperatriz se ligam profundamente com sua localização estratégica às margens do Rio Tocantins. Partindo desse local, observamos as características ribeirinhas que molda a cidade.

4.1 A Cidade

Em 16 de julho de 1852, inicialmente conhecida como povoação de Santa Teresa, a cidade ribeirinha de Imperatriz foi estabelecida por Frei Manoel Procópio de Coração de Maria¹ que chegou à região para sanar as dúvidas sobre onde terminava o estado do Pará e se iniciava o Maranhão, com o objetivo de estabelecer uma missão religiosa e colonizar o território, que até então era habitado por diversas tribos indígenas (Santos, et al. 2020). Ele aporta na margem direita do rio Tocantins em um momento em que o rio se encontrava no auge de sua grandeza quando suas praias e margens estavam em plena beleza, local esse que se encontrava com o riacho Cacau e que o Frei supôs que ficaria livre das águas durante a estação chuvosa (Franklin, 2005). Ficou claro que aquele lugar escolhido pelo frei não era o ideal, pois com a chegada do inverno, o riacho transbordou e inundou a região, portanto:

[...] a escolha não tinha sido adequada. A nascente povoação foi então mudada para outro local, pouco abaixo, nas ribanceiras que compreendem hoje a Praça da Meteorologia e suas imediações. Ali, o missionário logo construiu uma capela em honra a Santa Teresa d'Ávila, santa espanhola de quem carregava uma imagem e a quem deu o patronato da missão (Franklin, 2005. p.22).

A escolha do local para a fundação da cidade não foi acidental; a proximidade com o Rio Tocantins oferecia vantagens significativas para a comunicação e o transporte, facilitando o acesso a outras regiões e promovendo relações econômicas. As incertezas acerca da fronteira entre o Pará e o Maranhão foram resolvidas em 1854 com a promulgação da Lei Imperial nº 772, que estabeleceu os limites entre as duas províncias. Com essa definição, a recém-criada povoação de Colônia Militar Santa Teresa passou a integrar o território maranhense. Após quatro anos, em 27 de agosto de 1856, a Lei n.º 398³ criou a Vila Nova de Imperatriz. A escolha do nome “Imperatriz” foi uma homenagem a esposa do Imperador Dom Pedro II, Imperatriz Tereza Cristina. Tal escolha demonstra a ligação entre a fundação da cidade com a monarquia

brasileira e mostra o desejo de atrair a atenção e o apoio do governo para o progresso na nova cidade.

A formação da cidade de Imperatriz, revela um início modesto, marcado por uma organização urbana simples, mas significativa, que refletiam as condições e necessidades da época e o rio Tocantins tem um papel central para o desenvolvimento local se firmando “[...] como território divisor entre Maranhão, Pará e Goiás, polo de criação de gado e porto fluvial estratégico para os navegantes do Tocantins” (Franklin, 2005. p.63). A comunidade se organizava em volta de suas atividades religiosas e comerciais, essenciais para a sobrevivência e crescimento da vila.

Inicialmente, a vila de Santa Tereza de Imperatriz foi uma única rua de 84 casas, parte coberta de telhas, edificadas ao longo do rio, terminando em uma praça ou largo, num quadrilátero em que foi construída a igreja- matriz. Transitavam pelo porto de Imperatriz, em busca do eldorado do Tocai-una (castanha preta), emigrantes de todas as partes do Brasil, especialmente da Bahia, Ceará, Piauí, Paraíba, Pernambuco e do próprio Maranhão. (Enciclopédia dos municípios brasileiros, 1957-1964, p. 196).

Com o tempo, a denominação da vila foi simplificada pela população, sendo que documentos anteriores à Abolição já se referiam à vila simplesmente como Imperatriz. Foi durante o governo de Godofredo Viana, em 22 de abril de 1924, que a povoação foi elevada à condição de cidade pela Lei n.º 1.179.

O território de Imperatriz se estendia por grande parte da porção sudoeste do Maranhão, envolvendo o que hoje é território de 20 municípios. A sua localização geográfica¹⁴ é aspecto determinante e desempenhou um papel importante no desenvolvimento inicial da cidade. Situada à margem direita do Rio Tocantins, Imperatriz — cidade ribeirinha — se beneficiou das facilidades oferecidas pelo rio, que serviu por muito tempo como uma das poucas vias de acesso à cidade e de transporte de mercadorias. para Trindade Jr. *et tal.*, (2011), a expansão e desenvolvimento de cidades ribeirinhas se dá a partir dos caminhos fluviais, “[...] é a partir dos cursos fluviais que ocorre o processo de expansão das cidades ribeirinhas, que inicialmente têm suas ruas com traçados orientados pelo rio, evidenciando o padrão ribeirinho do espaço intraurbano.” (Trindade Jr. *et tal.*, 2011, p. 119).

No início, possuía uma vasta extensão territorial, mas apesar disso, a falta de estradas tornava o município isolado do restante do Maranhão (Santos, *et al.*, 2020. p. 34). Este isolamento impedia a aproximação de Imperatriz com outras regiões do estado, limitando o

¹⁴ O município de Imperatriz está situado na porção sudoeste do Estado do Maranhão, na margem direita do rio Tocantins, fazendo fronteira com o Estado do Tocantins. A cidade está localizada a aproximadamente 630 km de distância da capital do estado, São Luís.

crescimento econômico e social da cidade. Por esse motivo, a cidade recebeu o apelido, que perdurou por muito tempo, de “Sibéria Maranhense¹⁵” (Santos, *et al.*, 2020. p.35). Haja vista, o desenvolvimento de Imperatriz não esteve livre de desafios. A ausência de infraestrutura urbana e serviços públicos limitou o crescimento da cidade nos seus primeiros anos. Mesmo sendo a segunda maior fonte de arrecadação do estado, conforme mencionado por Franklin (2005), a riqueza gerada não se traduzia em investimentos públicos significativos e a ausência de estradas e outros meios de transporte terrestre dificultava a ligação de Imperatriz com o restante do Maranhão e do Brasil.

Apesar dos desafios para o progresso até então, Imperatriz começou a se favorecer dos meios de comunicação nas primeiras décadas do século XX. A instalação das linhas telegráficas na vila possibilitou a comunicação com o restante do Brasil em 1912. Em 1931 é realizada uma expedição fluvial, para definir o trajeto do futuro Correio Aéreo Militar, na qual Lysias Rodrigues, então tenente-aviador, escreve a obra “Roteiro do Tocantins”, onde ele fala de Imperatriz em 3 páginas. Segundo Lysias, Imperatriz:

[...] está construída em um planalto que domina o rio Tocantins; quatro ruas paralelas entre o rio e entre si, são cortadas por algumas travessas; a rua principal vai morrer, ao norte, em um pequeno largo, onde o capim viceja; neste largo abandonado, uma modesta igrejinha, já carecendo de reparos. [...] Em geral as casas são de alvenaria de tijolo, cobertas de telhas, limpas, pintadas, dando boa impressão. As próprias ruas acentuam essa impressão de limpeza. (Rodrigues, 1943, p. 208).

Foi estabelecido um local de pouso para atender ao Correio Aéreo Nacional no fim da década de 1930. Cobrindo um trajeto de mais de três mil quilômetros, os aviões do Correio percorriam a então conhecida Rota do Tocantins que sobrevoava o rio Tocantins e que ia do Rio de Janeiro (então capital do Brasil) e Belém.

Em 1940, no pedaço médio do rio Tocantins, as embarcações se desenvolveram, os barcos com motores mais potentes que favoreceram significativamente o comércio das cidades ribeirinhas entre Goiás e Belém. O porto de Imperatriz atuava como um importante entreposto comercial, facilitando tanto a distribuição de produtos dessas regiões quanto a disseminação da produção local (Santos, *et al.* 2020).

¹⁵ Este apelido é uma comparação com a região da Rússia caracterizada pelo distanciamento do restante do país e baixo número de habitantes

Figura 2: Vista parcial do porto de Imperatriz/MA.



Fonte: Arquivos digitais do IBGE (<http://biblioteca.ibge.gov.br/>).

O crescimento econômico de Imperatriz foi impulsionado pelo comércio fluvial no Rio Tocantins, que conectava a cidade a outras regiões do Brasil. Este comércio foi fundamental para a troca de produtos locais, como a farinha de mandioca, o arroz e o milho, por mercadorias de outras áreas, promovendo a integração econômica regional. Além disso, a fertilidade das terras ao longo do rio favoreceu a agricultura, permitindo o cultivo de várias culturas que sustentavam a economia e a subsistência dos habitantes. A abundância de recursos naturais, como a madeira e a fauna, também contribuiu para a atração de colonos e comerciantes para a região desempenhando um papel crucial no processo de migração e povoamento da região de Imperatriz, atraindo diversos migrantes em busca de melhores oportunidades econômicas e de vida (Franklin, 2008).

A expansão urbana de Imperatriz enfrentou vários desafios, incluindo a necessidade de adaptar-se às condições naturais e superar as limitações impostas pelo ambiente. A construção de infraestrutura básica, como estradas e pontes, foi essencial para o desenvolvimento urbano e econômico.

[...] a estrada para Grajaú veio para interligar Imperatriz ao restante do Maranhão e do Nordeste. Posteriormente, a mais importante, a rodovia Belém-Brasília, aberta para interligar a nova capital federal que se erguia no país, ao norte do Brasil. No meio do caminho da grande rodovia, estava Imperatriz, que vivenciou mudanças drásticas “do dia para a noite” (Santos, *et al.* 2020, p.61).

A construção da Ponte Dom Felipe Gregory, por exemplo, facilitou o acesso e a comunicação com outras regiões, impulsionando o crescimento da cidade, mas em contrapartida, afetou a relação de travessia do rio que era realizada predominantemente pelos barqueiros da região. A urbanização trouxe novos desafios, como por exemplo, a gestão dos recursos naturais e a necessidade de planejar o crescimento da cidade de forma sustentável e

esse processo é marcado por desafios significativos que refletem a necessidade de adaptação às condições naturais e a superação das limitações impostas pelo ambiente. Esta relação complexa entre a cidade e o rio é central para compreender tanto o desenvolvimento urbano quanto as transformações sociais e ambientais da região.

As práticas sociais da cidade se reproduziam a partir da relação estreita com o Rio Tocantins, e essa influência persiste até os dias atuais. Para as pessoas que povoam e vivem de suas margens, o rio não apenas define o cotidiano e desempenha um papel fundamental na formação e manutenção da identidade cultural. As tradições, práticas culturais e modos de vida dos ribeirinhos são profundamente impactados pela proximidade com o rio, que se torna um elemento central na construção de suas dinâmicas sociais.

Para Trindade JR. *et tal.*, (2011):

As cidades ribeirinhas, dessa forma, têm fortes enraizamentos, fortes ligações socioeconômicas e culturais com a escala geográfica local e regional; enraizamentos estes que traduzem estreita relação com o rio, não simplesmente pela localização absoluta, fato de estarem à beira do rio, mas e, principalmente, por apresentarem uma interação funcional (a exemplo da circulação fluvial e uso para as atividades domésticas), de subsistência material (fonte de recursos alimentares), lúdica (uso do rio para o lazer) e simbólica (imaginário sociocultural). (Trindade Jr. *et tal.*, 2011, p. 121).

Esse apontamento, aborda a relação das cidades ribeirinhas com o rio que as circunda, enfatizando que essa conexão vai além da simples proximidade geográfica. Os "enraizamentos" se referem às profundas ligações socioeconômicas e culturais dessas cidades com o rio, que se manifestam em diversos aspectos da vida cotidiana. Primeiramente, essas cidades têm uma interação funcional com o rio, o que significa que ele desempenha um papel essencial na circulação fluvial e nas atividades domésticas. O transporte de pessoas e mercadorias por meio das águas do rio é um exemplo claro dessa funcionalidade, assim como o uso do rio para tarefas diárias, como a lavagem de roupas ou a coleta de água.

Além disso, o rio serve como uma fonte de subsistência material para as comunidades ribeirinhas, fornecendo recursos alimentares, como peixes e outros produtos aquáticos. Isso é fundamental para a sobrevivência e a economia local.

O aspecto lúdico da relação com o rio refere-se ao seu papel no lazer e no entretenimento, como atividades recreativas, banhos e outras formas de diversão associadas às águas, sendo não é apenas uma fonte de recursos, mas também um espaço para a convivência e o prazer. A dimensão simbólica da interação com o rio é representada pelo imaginário sociocultural das comunidades. O rio é carregado de significados e simbolismos que

influenciam as tradições, mitos e valores das populações ribeirinhas, integrando-se profundamente ao seu patrimônio cultural.

Portanto, a relação das cidades ribeirinhas com o rio é mista e essencial para entender a vida nessas áreas, envolvendo aspectos funcionais, materiais, lúdicos e simbólicos e isso se aplica no entendimento da cidade de Imperatriz, sendo ela um exemplo notável de como fatores históricos e geográficos podem interagir para moldar o desenvolvimento de uma região. A fundação da cidade às margens do Rio Tocantins não só proporcionou vantagens econômicas e estratégicas, mas também desempenhou um papel central na formação da identidade cultural e social de Imperatriz.

4.2 O Rio Tocantins

Rodrigues (2001) aponta que o nome do Rio Tocantins “[...] foi aplicado por viver em suas margens a poderosa e valente tribo dos índios Tocantins, daí ser conhecido a princípio como rio dos Tocantins”. A palavra “Tocantins” é derivada da língua tupi e foi composto pelos termos tukana (tucano) e tin (nariz), formando a expressão nariz de tucano ou bico do tucano. Cortesão (1965) destaca que documentos que advém do século XVII, indica que o rio recebeu outras denominações, dentre elas “rio das pedras”, sem dúvida alguma, tal denominação é devido às suas corredeiras e pedrais. Segundo Flores (2006), a povoação das margens do rio foi lenta, tendo um aumento significativo na segunda década do século XVIII.

Um dos principais cursos d'água do Brasil, o rio Tocantins, tem suas origens no interior do Planalto Central, na região Centro-Oeste do país, percorrendo uma extensão de 2416 km na direção sul-norte até alcançar sua foz no litoral norte, desaguando no Oceano Atlântico. Esta vasta extensão coloca o Tocantins como o segundo maior rio inteiramente brasileiro, superado apenas pelo rio São Francisco (Parente; Silva, 2019).

Ao longo de sua jornada, o rio atravessa quatro estados brasileiros distintos: Goiás, Tocantins, Maranhão e Pará, abrangendo um conjunto de municípios que desempenham papéis cruciais na economia regional e na vida das comunidades ribeirinhas. Cidades como Colinas do Sul (GO), Porto Nacional (TO), Palmas, Imperatriz (MA) e Tucuruí (PA) destacam-se entre os 29 municípios que pontuam sua rota, conectando diversas regiões do Centro-Oeste, Nordeste e Norte do Brasil. O curso do rio atravessa dois biomas significativos do Brasil, o Cerrado e a Amazônia, refletindo sua importância não apenas como fonte de recursos hídricos, mas também como um ecossistema essencial para a biodiversidade regional (Guitarrara, 2022).

No extremo norte, especificamente na região conhecida como Bico do Papagaio, o rio Tocantins se une ao rio Araguaia, formando a Bacia Hidrográfica do Tocantins-Araguaia, a maior totalmente contida em território nacional. Dividido em três seções distintas — Alto, Médio e Baixo Tocantins — o rio apresenta variações significativas em sua extensão e desnível ao longo de seu curso (Oliveira, 2008). A cidade de Imperatriz se localiza na parte do Médio Tocantins, que é demarcada a partir da cachoeira do Lajeado até a cachoeira do Itaboca no Pará.

Figura 3: Rio Tocantins na época de cheia



. Fonte: Bruna Nóbrega, 2023.

A fluidez do rio Tocantins é sustentada principalmente pelas chuvas que ocorrem predominantemente entre outubro e abril, com uma estação seca característica de maio a setembro. Esta regularidade na vazão é também apoiada por reservas subterrâneas de água, como o aquífero Urucuia, que desempenha um papel vital no suprimento hídrico não apenas do Tocantins, mas também de seus afluentes e de outras bacias hidrográficas da região.

É no período estiagem, quando o volume do rio baixa, que as praias aparecem. Em Imperatriz, as praias mais populares são a Praia do Cacau e a Praia do Meio. Ambas atraem milhares de visitantes todos os anos, especialmente entre julho e setembro, o conhecido período de Veraneio e são grandes responsáveis pelo turismo e fortalecimento da economia local (Santos, et al. 2020. p. 177).

Figura 4: Cais do Porto no período de estiagem – Imperatriz/MA.



Fonte: Fernando Cunha, 2017

Figura 5: Travessia de barco para a Praia do Meio em Imperatriz/MA.



Fonte: Bruna Nóbrega, 2023.

5 MUDANÇAS NATURAIS, IMPACTOS AMBIENTAIS E SOCIAIS DOS RIOS

Os impactos ambientais e antrópicos nos rios brasileiros refletem a intensa intervenção humana nos ecossistemas aquáticos, comprometendo sua biodiversidade e funcionalidade. Questões como poluição, barragens e uso predatório dos recursos hídricos estão no centro dos debates sobre sustentabilidade.

Esses impactos revelam a urgência de políticas integradas que conciliem desenvolvimento e preservação ambiental. Silveira (2013) ressalta uma distinção fundamental entre os conceitos de impacto ambiental e impacto socioambiental, destacando que não é possível dissociar completamente os efeitos sobre o meio ambiente das consequências para a sociedade. Ele pontua que:

“O conceito de impacto ambiental não é o mesmo que o de impacto socioambiental. Quando falamos apenas no ambiental, temos a ideia de algo desmembrado do aspecto social, e sabemos que isso não é possível, pois o que conhecemos por impacto passou a existir da interação entre homem e natureza.” (SILVEIRA, 2013, p. 44).

Quando se fala apenas em impacto ambiental, corremos o risco de tratar os danos à natureza como algo isolado das relações humanas, o que é uma visão limitada e incompleta. Na prática, todo impacto ambiental é, ao mesmo tempo, social, uma vez que resulta da interação constante entre os seres humanos e o meio natural. Essa perspectiva é especialmente evidente nas comunidades ribeirinhas, onde qualquer alteração nos ciclos do rio, como cheias, secas, dragagens ou construções de barragens, afeta não apenas os ecossistemas, mas também as formas de vida, o trabalho, a cultura e a própria sobrevivência das populações que dependem diretamente desse ambiente.

O Tocantins é um rio que possui uma pluralidade de sentidos: ele une e fixa, mas também separa e divide. É uma fronteira geográfica por natureza, mas é também fronteira econômica, cultural e simbólica. É visto como barreira, mas também como via de contato, integrador de regiões e pessoas, espaço das relações sociais e de identidades culturais (Oliveira, 2007, p. 30).

O Rio Tocantins é um caso emblemático que ilustra as dinâmicas naturais e as intervenções humanas, mostrando as consequências profundas para os ecossistemas e para as populações que habitam suas margens. Ele emerge como um exemplo claro da complexidade desses processos.

As mudanças naturais, como as cheias e secas, moldaram as práticas culturais e de subsistência das comunidades ribeirinhas ao longo dos séculos, mas as intervenções humanas,

como a construção de barragens, a poluição e o desmatamento, introduziram desequilíbrios que ameaçam a sustentabilidade ecológica e social da região.

Figura 6: Porto do Curtume na época de estiagem – Imperatriz/MA.



Fonte: Bruna Nóbrega, 2022.

5.1 Mudanças Naturais

Os rios, como organismos vivos, passam por transformações naturais contínuas devido ao ciclo hidrológico e à dinâmica geológica. Fenômenos como cheias e secas, processos de erosão e sedimentação são características inerentes aos ecossistemas fluviais.

Em relação as cheias e vazantes dos rios, Silva e Carvalho (2018), aponta que “As dinâmicas das cidades mudam completamente e as condições de vida das populações rurais e urbanas caminham juntos a estas mudanças (Silva; Carvalho, 2018, p. 171). Portanto, as áreas urbanas e rurais são diretamente moldadas pelos ciclos naturais das águas, que interferem tanto na organização do espaço quanto nas condições de vida da população. Segundo Rossatto (2020) “As enchentes ocorrem de forma natural e estão relacionadas às precipitações, mas podem ocorrer também de forma antrópica quando as ações humanas sobre o meio acabam por intensificar esses eventos (Rossatto, 2020, p. 5).”

Figura 7: Enchente do Rio Tocantins no Bairro Beira Rio, Imperatriz – MA.



Fonte: imadronefilms, 2002.

No Rio Tocantins, essas transformações naturais desempenham um papel fundamental na manutenção dos ecossistemas aquáticos e nas atividades humanas. As enchentes periódicas no Rio Tocantins, assim como em muitos outros rios, fertilizam as margens, permitindo que comunidades ribeirinhas utilizem essas terras férteis para agricultura e que diversas espécies de peixes e animais encontrem condições adequadas para alimentação e reprodução.

No entanto, esses eventos também trazem desafios significativos, como a erosão das margens e a deposição de sedimentos, que podem alterar o curso do rio e desestabilizar comunidades próximas. Durante os períodos de seca, o nível do rio pode cair drasticamente, dificultando a navegação e o abastecimento de água, o que afeta diretamente as práticas de subsistência das populações locais.

Além disso, a vegetação ribeirinha desempenha um papel crucial na estabilização das margens e na regulação do ciclo hidrológico. Quando essa vegetação é removida, seja por causas naturais ou por atividades humanas, a erosão e a deposição de sedimentos se intensificam, aumentando os impactos ambientais.

5.2 Impactos ambientais

As ações antrópicas nos rios, têm um impacto muito mais profundo e duradouro. Segundo Custódio *et al.*, (2022):

Pode ser considerado um impacto ambiental toda alteração química, física e biológica de um meio ambiente, causada por intervenção humana que direta ou indiretamente afeta o bem-estar da população, atividades sociais, econômicas, as condições estéticas e sanitárias deste meio, e a qualidade dos recursos naturais presentes nele (Custódio et al. (2022, p. 8).

A construção de barragens, como a Usina Hidrelétrica de Estreito¹⁶ no Rio Tocantins, é um exemplo claro de intervenção humana com graves consequências ecológicas e sociais. As barragens interrompem o fluxo natural dos rios, alteram os ciclos de cheias e secas, e fragmentam os habitats, impedindo a migração de peixes e comprometendo a biodiversidade aquática. No caso do Tocantins, o represamento de grandes volumes de água para a geração de energia também resultou no alagamento de áreas férteis, no deslocamento de populações ribeirinhas e na perda de terras produtivas.

Figura 8: Usina Hidrelétrica de Estreito.



Fonte: Bruna Nóbrega, 2025

A modificação do regime hidrológico natural causado pela construção de barragens afeta diretamente as comunidades que vivem ao longo do rio. A interrupção das cheias, prejudica a agricultura de vazante e compromete a regeneração natural dos solos, forçando as populações a buscarem novas formas de sustento. Causam também a fragmentação de habitats e a alteração nas rotas migratórias dos peixes, afetando drasticamente a pesca, uma atividade central para a economia local e para a subsistência das comunidades ribeirinhas.

Outro aspecto importante das transformações antrópicas no Rio Tocantins é a poluição. A atividade industrial e agrícola nas regiões próximas ao rio, assim como o despejo de esgoto doméstico sem tratamento adequado, contamina as águas, comprometendo tanto a saúde dos

ecossistemas quanto a qualidade de vida das populações humanas. A poluição por metais pesados, resíduos químicos e pesticidas afeta diretamente a fauna e a flora aquática, além de tornar a água inadequada para o consumo humano e para o uso agrícola.

A situação dos rios e córregos é preocupante, pois a poluição das águas afeta diretamente a saúde da população. Uma grande quantidade de lixo e esgoto é jogada nos rios em razão da irresponsabilidade das pessoas, da falta de coleta de lixo e de tratamento de esgoto (Nabhan et al. 2016, p. 384).

A urbanização das margens dos rios é um processo que ocorre com o crescimento das cidades e a ocupação desordenada dos espaços ribeirinhos. “A ocupação do solo em áreas de margens de rios provoca degradação do meio ambiente e expõe a população a riscos” (Rossatto, 2020, p.3). Esse avanço urbano muitas vezes desconsidera as características naturais dos rios, resultando na retirada da vegetação nativa, na impermeabilização do solo e na construção de infraestruturas muito próximas às margens. Como consequência, surgem problemas como aumento das enchentes, assoreamento, erosão das margens, poluição da água e perda da biodiversidade.

O desmatamento, por sua vez, reduz a capacidade de retenção de água do solo, aumenta a frequência e a intensidade das inundações durante o período chuvoso e agrava as secas nos períodos de estiagem, criando um ciclo de instabilidade que afeta toda a bacia hidrográfica.

A dragagem extrai sedimentos, como areia e cascalho, do leito dos rios. No Rio Tocantins, em Imperatriz, essas operações de dragagem estão geralmente ligadas à mineração e à construção civil, já que os sedimentos retirados são usados como matéria-prima em diversas obras. No entanto, o processo de dragagem, se não for controlado, pode causar uma série de problemas ambientais que impactam diretamente a biodiversidade aquática e a vida das populações locais. Para Waydzik (2018), os impactos ambientais causados pela dragagem e pelo descarte do material removido podem modificar as condições hidráulicas e de transporte de sedimentos do rio; interferir na circulação, na salinidade e na turbidez da água; alterar as características da área onde o material dragado é depositado; gerar contaminação por substâncias tóxicas presentes nos sedimentos; comprometer a qualidade da água e causar danos diretos aos habitats de animais e plantas aquáticas.

Figura 9: Dragagem Kissney, usada para a retirada de areia do Rio Tocantins.



Fonte: Bruna Nóbrega, 2022.

A extração de material do leito do rio é frequentemente realizada sem respaldo nas normas ambientais, resultando em danos e degradação ao meio ambiente de maneira descontrolada, sem qualquer supervisão técnica. A velocidade da exploração geralmente é acelerada. As dragas que trabalham de forma irregular puxam a areia muito perto das margens, o que deixa a área entre a margem e o meio do rio mais funda. Isso, por causa da gravidade e da pressão do material ao redor, acaba gerando um forte processo de erosão nas margens, causando danos que, com o tempo, não têm mais conserto (Pinheiro, Mendes e Oliveira, 2019)

5.3 Impactos Sociais

As transformações naturais e antrópicas nos rios, especialmente no Rio Tocantins, geram uma série de consequências ecológicas e sociais. “O homem interfere no meio ambiente causando impactos, da mesma forma é impactado pelo meio” (Rossatto, 2020, p. 3). Socialmente, as populações das margens são as mais afetadas pelas transformações nos rios. Rossatto (2020) aponta que:

Quando as alterações provocadas no meio ambiente acabam impactando a qualidade de vida e a saúde da população o impacto passa a ser analisado também sob a ótica social, criando-se uma visão mais humanista e considerando a interação entre indivíduo e natureza (Rossatto, 2020, p. 4).

A ocupação desorganizada e fora dos padrões legais é um dos desafios atuais. O aumento da população, aliado à ausência de uma política habitacional eficiente, tem levado a uma utilização inadequada do solo, especialmente em áreas naturalmente vulneráveis e

inadequadas para moradia e segundo Nabhan *et al.*, (2016, p. 391), “[...] a principal consequência dessa ocupação irregular das margens do rio Tocantins são as enchentes.

O deslocamento forçado de populações, devido ao alagamento de áreas para a construção de barragens, rompe laços culturais e sociais estabelecidos há gerações, resultando na perda de identidades comunitárias e na desintegração de redes de subsistência baseadas no rio. Para as comunidades que permanecem às margens, os desafios incluem a diminuição dos estoques pesqueiros, a poluição da água e a degradação dos solos, que comprometem suas formas tradicionais de sustento. Conforme Custódio *et al.*, 2022:

Como impacto ambiental negativo da construção de uma hidrelétrica, pode ser citado a ampla área inundada proveniente da construção das barragens, que alagam grandes áreas, afogando animais e submergindo vegetação que futuramente se decomporá e contaminará a água (Custódio *et al.*, 2022, p. 8).

Quando se trata do uso de dragas, as comunidades ribeirinhas de Imperatriz, que dependem do Rio Tocantins para subsistência, são afetadas, pois o uso destas máquinas compromete a pesca ao destruir habitats e reduzir a qualidade da água, resultando em menor disponibilidade de peixes essenciais à alimentação e à renda local.

Além disso, a dragagem altera a paisagem fluvial, desvalorizando terras usadas para agricultura e lazer. Em Imperatriz, essas modificações reduzem o apelo turístico da região, resultando em perdas econômicas e identitárias. De acordo com Nabhan *et al.*, (2016):

As ações do Ministério Público e da Secretaria do Meio Ambiente apontam que as extrações ilegais causam diversos problemas ambientais. Entre eles destacam-se as cavas nas proximidades das margens, embora a legislação só permita a extração de areia na parte central do Rio, a partir de 100 metros da margem. Tal situação aumenta ainda mais o problema de erosão e assoreamento do solo (Nabhan *et al.*, 2016, p. 390).

As erosões causadas pela dragagem ameaçam áreas de cultivo principalmente familiar e construções. A presença das dragas também gera conflitos entre moradores e empresas, que frequentemente desconsideram as necessidades das comunidades, provocando tensões e protestos.

A destinação inadequada de lixo e esgoto, são agravantes sociais, principalmente depois da cheia do rio. A urbanização desenfreada com falta de infraestrutura contribui para intensificar mais a poluição. Para Nabhan (2026), essa situação, além de violar a legislação ambiental, colabora para a contaminação hídrica e impacta negativamente a saúde pública e o meio ambiente, evidenciando a negligência com o saneamento básico e a preservação dos cursos d’água na cidade.

Essas populações, cuja vida cultural está intrinsecamente ligada ao ritmo natural dos rios, enfrentam os desgastes de suas práticas culturais, como festividades e rituais que dependem do ciclo das águas. Para Ferreira *et al.* (2024), as populações sofrem perdas imateriais profundas, especialmente ligadas à identidade cultural, vínculos territoriais e afetivos com o lugar onde vivem. Segundo Ertzogue, Ferreira e Marques (2017), ao serem desterritorializadas, ou seja, forçadas a sair de seus territórios, essas populações experimentam sentimentos de sofrimento social, solidão, tristeza e ruptura de pertencimento, porque o território não é apenas um espaço físico, mas um lugar carregado de memórias, práticas culturais e relações comunitárias. Moret et al. (2021) reforçam que esse sofrimento aparece nos relatos dos moradores atingidos, revelando um impacto cotidiano e subjetivo que vai além do que os dados técnicos geralmente mostram.

A transformação do regime hidrológico e a degradação ambiental enfraquecem ou mesmo eliminam essas práticas, contribuindo para a perda do patrimônio imaterial das comunidades ribeirinhas.

6 O ENTENDIMENTO DAS MUDANÇAS POR MEIO DAS NARRATIVAS

O Rio Tocantins apresenta uma diversidade de significados e funções. Enquanto em uma perspectiva, ele atua como um elemento de conexão, unindo distintas áreas geográficas e estabelecendo comunidades ao longo de suas margens, por outro lado, pode exercer um papel divisor, separando regiões e comunidades. Reconhecido como uma via de comunicação, o rio facilita a integração entre diferentes regiões e pessoas, proporcionando espaços para interações sociais e trocas culturais. Isso contribui para o fortalecimento das relações sociais e a preservação das identidades culturais ao longo de suas margens.

Leandro Tocantins observa que o Rio Tocantins é singular e variado em sua natureza, destacando suas características únicas em comparação com outras vias fluviais da Amazônia. Ele ressalta que os rios, como caminhos em movimento, podem trazer tanto prosperidade quanto adversidades, algo que os habitantes ribeirinhos conhecem profundamente.

O rio, conforme observado, é um elemento de conexão, que une comunidades, e um divisor, que impõe adversidades e reconfigura o cotidiano dos ribeirinhos. Essa ambiguidade se expressa nas quatro categorias analíticas centrais que emergiram do estudo: Perda, Adaptação, Resistência e Pertencimento, as quais dialogam diretamente com a perspectiva de Ecléa Bosi, que aponta que “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado.” (Bosi, 1987, p. 17). Para a autora, lembrar é um ato de reconstrução, e não de simples retorno ao passado. As narrativas ribeirinhas revelam como as experiências do ontem são reinterpretadas à luz das transformações atuais do rio, permitindo compreender como perda, adaptação, resistência e pertencimento se articulam na memória coletiva das margens.

A categoria Perda é a mais evidente e está diretamente associada às intervenções humanas, que produzem um sentimento de desapropriação, luto territorial e profunda nostalgia. O Sr. Mendes aponta a perda de controle sobre o ciclo natural do rio ao afirmar:

Nasci e me criei aqui na cidade de Imperatriz, sempre vivi aqui no cais levando o povo pra praia norte e Imbiral. Minha casa fica ali perto do curtume. Já vi esse rio encher e secar demais, mas antes era natural, agora parece que quem manda é a barragem, ela que diz a data que vai encher e nós tem que obedecer e se virar pra se aprumar” (Mendes, 2023 informação oral).

No trecho “Já vi esse rio encher e secar demais, mas antes era natural; agora parece que quem manda é a barragem, ela que diz a data que vai encher e nós tem que obedecer e se virar pra se aprumar.” (Mendes, 2023) mostra-se o desaparecimento de um conhecimento ancestral

sobre o tempo do rio, agora submetido ao cronograma técnico da usina. Esse deslocamento de controle, do conhecimento ancestral para a ação humana, intensifica o sentimento de luto territorial.

A Perda também aparece ligada à diminuição da fartura de peixes e à transformação das praias. Silva mostra isso quando fala “A gente sobrevivia só da praia do meio [...]. Antes a praia era grande [...], agora tá menor e acaba mais rápido, principalmente depois da barragem [...]. Hoje eu sou barqueira, pescadora e vendo merenda, vendo chinelo [...] não tem como mais viver só do rio.” (Silva, 2023, informação oral). O relato de Oliveira reforça essa dimensão ao lamentar o desaparecimento da Praia do Cacau, espaço de sociabilidade e geração de renda:

Eu cresci vindo pra cá ajudar minha mãe. Todo verão ela conseguia dinheiro pra sustentar a gente na época de cheia do rio. Não era muito, mas eu e meus irmão nunca passamos necessidade. Tu não imagina como meu coração doeu quando a praia não apareceu esses anos pra trás, hoje tá tendo isso aqui porquê as próprias dragas que tiraram a areia daqui vinham colocar de novo. No meu entendimento isso não é certo. E do jeito que tá aqui num chega nem perto de como era antes. Nossa praia nunca mais vai ser a mesma. Isso aqui era lotado de gente. Nós ficava com o pé queimado de tanto atravessar essa areia pra deixar peixe pro povo. (Oliveira, 2024, informação oral).

Na pesca, Bandeira aponta a Perda quando afirma que “Hoje a gente não pesca mais porque não tem mais peixe [...]. Meu pai me ensinou a pescar nesse rio. Já vivi muito da pesca.” (Bandeira, 2023, informação oral).

A Perda, portanto, é material, quando se traduz na escassez de peixes, no desaparecimento das praias e na redução do tempo útil de trabalho; é simbólica, ao romper com saberes tradicionais e descontinuar práticas ancestrais ligadas ao ciclo natural do rio; e é afetiva, ao atingir as memórias, a paisagem e o sentimento de pertencimento que estruturam a identidade ribeirinha.

As Imagens da Praia do Cacau, de 1998 a 2022, servem como prova visual e material da Perda territorial que está na base de todos esses sentimentos e reconfigurações.

Figura 10: Praia do Cacau em 1998– Imperatriz/MA.



Fonte: Valdizar Lima, 1998.

Figura 11: Praia do Cacau em 2018 – Imperatriz/MA.



Fonte: blogspot.com, 2018.

Figura 12: Praia do Cacau em 2022 – Imperatriz/MA.



Fonte: imadronefilms, 2022.

Diante das perdas, emerge a categoria Adaptação, marcada pela necessidade de reorganizar o cotidiano e buscar alternativas de subsistência. As falas mostram a expansão do trabalho ribeirinho para atividades urbanas:

Nós antigamente vivia da barraca da praia e da pesca do meu pai, hoje eu sou barqueira e pescadora, mas também vendo merenda, vendo chinelo e meu marido que era só pescador, hoje teve que aprender a pintar casa pra nós dar conta de sustentar nossa filha. Não tem como mais viver só do rio.” (Silva, 2023, informação oral.)

Oliveira reforça essa reconfiguração quando comenta “Minha mãe ainda tá na cozinha fritando peixe, mas já tá se ajeitando pra voltar a fazer café da manhã pra vender na porta de casa. Meu pai tá trabalhando de pedreiro agora” (Oliveira, 2023, informação oral). A Adaptação corresponde exatamente ao que Bosi descreve como o processo de “refazer” a experiência, reorganizando o passado de acordo com as demandas do presente. Essa capacidade adaptativa também se revela nos empreendedores locais, “Quando o rio seca, eu corro e organizo meu bar [...] As vendas são boas, só que agora esse tempo parece que diminuiu porque o pessoal da barragem manda aviso que vai soltar água.” (Pereira, 2024, informação oral). A economia ribeirinha, antes baseada majoritariamente na pesca e no turismo natural, passa a depender de múltiplas atividades, demonstrando a plasticidade social da comunidade.

A Resistência aparece nas falas de quem mantém práticas, tradições e permanência nas margens, apesar das adversidades. O ato de pescar, por exemplo, torna-se simbólico, “Hoje só pesco pra comer mesmo em casa e dá uns pros amigos.” (Bandeira, 2023, informação oral). O gesto deixa de ser econômico para se tornar expressão de memória e de identidade, um gesto de resistência cultural.

Dona Nega reforça essa dimensão ao falar do marido, “Ele prefere carregar gente e deixar a pesca só pra brincar mesmo. [...] arruma tarrafa e vai ajudando o pessoal.” (Sousa, 2024, informação oral). A pesca “por brincadeira” é, na verdade, preservação do patrimônio imaterial ribeirinho.

O Pertencimento aparece com força, sobretudo na recusa a abandonar o território mesmo diante das dificuldades. A Sra. Braga sintetiza essa ligação emocional, “Eu sei que num era pra ter casa aqui na beira, mas nunca quis sair daqui. A gente se acostuma com esse sobe e desce do rio.” (Braga, 2024, informação oral). Esse “acostumar-se” não é resignação, mas vínculo. É o que Trindade Júnior chama de espaço de resistência simbólica (Trindade Jr., 2020).

O Pertencimento também se manifesta na tristeza diante da poluição e das mudanças:

Moro aqui a 30 anos, e parece que só piora o caso do lixo, as pessoas não tem consciência da preciosidade que temos pertinho da gente. Na cheia a gente vai pra abrigo, quando a água desce, a gente volta pra casa, menina, se tu vê o quanto de coisa que eu tiro daqui de dentro. Eu fico triste [...]. Eu sei que num era pra ter casa aqui na beira, mas nunca quis sair daqui. A gente se acostuma com esse sobe e desce do rio [...]. (Braga, 2024, informação oral).

Mesmo quando o rio transborda, invade casas ou não oferece mais fartura, o vínculo afetivo permanece.

As narrativas dessas pessoas que habitam as margens do rio evidenciam que o Rio Tocantins ultrapassa a condição de elemento natural ou recurso econômico, constituindo-se como um território vivido, carregado de significados sociais, simbólicos e afetivos. A ambiguidade do rio, ora espaço de conexão, ora fator de ruptura, manifesta-se de forma concreta nas experiências cotidianas dos moradores das margens, cujas vidas são atravessadas pelas transformações ambientais e pelas intervenções humanas. As categorias analíticas de Perda, Adaptação, Resistência e Pertencimento permitem compreender como essas populações elaboram, interpretam e significam tais mudanças, revelando não apenas os impactos materiais sofridos, mas também os efeitos simbólicos e identitários decorrentes da reorganização do tempo, do espaço e do modo de vida ribeirinho.

À luz da perspectiva de Ecléa Bosi, observa-se que as memórias evocadas pelos ribeirinhos não se configuram como simples registros do passado, mas como processos ativos de reconstrução, nos quais o ontem é reinterpretado a partir das condições do presente. A Perda emerge como luto territorial e ruptura de saberes tradicionais; a Adaptação expressa a capacidade de reorganizar práticas econômicas e familiares; a Resistência manifesta-se na preservação simbólica de costumes e saberes; e o Pertencimento reafirma o vínculo afetivo com o território, mesmo diante das adversidades. Assim, as narrativas revelam que, apesar das profundas transformações socioambientais, o Rio Tocantins continua sendo um eixo estruturante da identidade ribeirinha, sustentando relações de memória, pertencimento e resistência que reafirmam a permanência dessas populações em suas margens.

A tradição e continuidade cultural, transmitida de geração em geração por meio de histórias, rituais evidenciados nas narrativas, reflete uma profunda compreensão e respeito pelo ecossistema fluvial e seus recursos naturais. Essa conexão íntima com o ambiente também pode desempenhar um papel crucial na adaptação das comunidades às mudanças ambientais e na promoção de práticas sustentáveis de uso dos recursos naturais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A desestruturação de costumes e a quebra de sua identidade são consequências que são evidenciadas através de entrevistas realizadas com os habitantes da margem e tais efeitos influenciam uma reestruturação e reorganização de vivências.

O Rio Tocantins exemplifica de forma contundente como as transformações naturais e antrópicas podem impactar profundamente os ecossistemas fluviais e as populações que dependem deles. As mudanças provocadas pelas cheias e secas são parte do ciclo natural do rio, mas as intervenções humanas, como a construção de barragens e a poluição, introduzem desequilíbrios graves que afetam tanto a biodiversidade quanto as comunidades ribeirinhas. “Um rio quando barragem tem a espinha quebrada, vira um rio paralítico feito um animal vivo que morreu só a metade: a outra metade viva pulsando solta, como veia aberta à foice [...]” (Tierra, 2005: 28).

A realidade do rio reflete de forma direta na identidade desse povo e a história oral proporcionou uma coleta de fatos, relatos e vivências que confirma a importância do patrimônio imaterial na construção da história material do Rio Tocantins. As narrativas orais são reconhecidas por sua ligação com situações sociais reais, valorizando pessoas que têm conhecimentos diferentes e que usam essas histórias para compartilhar experiências, críticas sociais e expectativas para o futuro.

Elas também ajudam a repensar memórias e identidades, especialmente em momentos de conflitos sociais. Além disso, essas narrativas nos mostram que, além dos métodos científicos convencionais, também há critérios importantes que vêm das interações com as comunidades e suas lutas, que são igualmente relevantes para nossa compreensão e aprendizado. Assim, a presente pesquisa que pode ser definida como descritiva, “[...] são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática.” (Gil, 2002, p. 42), as duas são essenciais para o avanço do conhecimento e a aplicação prática nas ciências sociais.

Portanto, a reconstituição histórica dessas transformações é essencial para uma compreensão abrangente da interação entre o ambiente, as comunidades humanas e os processos sociais, econômicos e políticos que moldaram a paisagem ao longo do tempo. É importante reconhecer que as comunidades ribeirinhas enfrentam desafios significativos na preservação de seu patrimônio simbólico, incluindo a pressão do desenvolvimento urbano, a degradação ambiental, a perda de territórios tradicionais e a erosão cultural decorrente da globalização.

A gestão dos rios, como o Tocantins, exige uma abordagem integrada que considere tanto as dinâmicas naturais quanto as necessidades das populações humanas, buscando um equilíbrio entre desenvolvimento econômico e conservação ambiental. Sua sustentabilidade depende de políticas que garantam a preservação dos ecossistemas e a justiça social para as comunidades que deles dependem. Assim, a valorização e proteção desse patrimônio são essenciais não apenas para o bem-estar das comunidades ribeirinhas, mas também para a preservação da diversidade cultural e ambiental mais ampla.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Abdias Santos. **Entrevista cedida a Bruna Pereira da Nóbrega**. Imperatriz, MA, 5 nov. 2023.
- BORTOLOTTI, Chiara. A salvaguarda do patrimônio cultural imaterial na implementação da Convenção da UNESCO de 2003. **Revista Memória em Rede**, [s. l.], v. 2, n. 4, p. 9, dez. 2010/2011.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- BRAGA, Ditinha. **Entrevista cedida a Bruna Pereira da Nóbrega**. Imperatriz, MA, 22 jul. 2024.
- CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA; CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **Enciclopédia dos municípios brasileiros: municípios do Estado do Maranhão**. Rio de Janeiro: IBGE, 1957-1964. v. 16.
- CUSTÓDIO, Douglas *et al.* Usinas hidrelétricas e seus impactos ambientais. *In: EXPOSIÇÃO ANUAL DE TECNOLOGIA, EDUCAÇÃO, CULTURA, CIÊNCIAS E ARTE DO IFSP – GUARULHOS*, 2., 2022, Guarulhos. **Anais...** Guarulhos: IFSP, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ifsp.edu.br>. Acesso em: 9 jun. 2025.
- ERTZOGUE, M. H.; FERREIRA, D. T. A. M.; MARQUES, E. E. “É a morte do Rio Tocantins, eu sinto isso”: desterritorialização e perdas simbólicas em comunidades tradicionais atingidas pela hidrelétrica de Estreito, TO. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 29, n. 1, p. 53-62, jan./abr. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-451320170104>.
- FERREIRA, Helianildes Silva *et al.* Impactos socioambientais da construção de hidrelétricas: uma revisão de literatura. **Research, Society and Development**, [s. l.], v. 13, n. 9, e9813945992, 2024. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v13i9.45992>.
- FRANKLIN, Adalberto. **Apontamentos e fontes para a história econômica de Imperatriz**. Imperatriz, MA: Ética Editora, 2008.
- FRANKLIN, Adalberto. **Breve história de Imperatriz**. Imperatriz, MA: Ética Editora, 2005. (Série Ciências Humanas, v. 1).
- FRASER, Ronald. História oral, história social. **História Social**, Campinas, n. 17, p. 131-139, out. 1993.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOULART, Elias E.; PERAZZO, Priscila F.; LEMOS, Vilma. Memória e cidadania nos acervos de história oral e mídia digital. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 153-166, 2005.
- GUITARRARA, Paloma. **Rio Tocantins**. Brasil Escola, 2022. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/brasil/rio-tocantins.htm>. Acesso em: 20 ago. 2024.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

HIDRELÉTRICA TELES PIRES. **Cartilha informativa**: instalação de flutuantes no reservatório. [S. l.]: Hidrelétrica Teles Pires, 2020. Disponível em: <https://www.uhetelespires.com.br/site/uploads/arquivos/2020/08/547-1-cartilha-informativa-instalacao-de-flutuantes-no-reservatorio.pdf>. Acesso em: 11 set. 2025.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

LE VEM, Michel Marie *et al.* História oral de vida: o instante da entrevista. In: VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes (org.). **Os desafios contemporâneos de história oral**. Campinas: CMU/Unicamp, 1997.

MELLO, S. S. **Na beira do rio tem uma cidade**: urbanidade e valorização dos corpos d'água. 2008. 348 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

MENDES, José Silva. **Entrevista cedida a Bruna Pereira da Nóbrega**. Imperatriz, MA, 23 out. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MORET, A. S. *et al.* Expandindo a concepção de atingidos por UHE: assentamentos Vila Jirau e Vila da Penha – Rondônia. **Ambiente & Sociedade**, [s. l.], v. 24, p. 1-17, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1809-4422asoc20200132r2vu2021L3DAO>.

NABHAN, Francine A. R. F. *et al.* Regulação e conservação ambiental: uma análise das margens do rio Tocantins no município de Imperatriz (MA). **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, v. 12, n. 5, p. 373-402, dez. 2016.

OLIVEIRA, Joyce. **Entrevista cedida a Bruna Pereira da Nóbrega**. Imperatriz, MA, 18 jul. 2024.

OLIVEIRA, Maria de Fátima. **Cidades ribeirinhas do Rio Tocantins**: identidades e fronteiras. 2007. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

OLIVEIRA, Maria de Fátima. Rio Tocantins: lugar de memórias e identidades. **Mosaico: Revista de História**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 163-168, 2008.

PARENTE, Temis Gomes; SILVA JÚNIOR, Cícero Pereira da. De estrada líquida à jazida energética: os sentidos do rio Tocantins na memória oral dos ribeirinhos. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 11, n. 28, p. 156–180, set./dez. 2019.

PEREIRA, Nonato. **Entrevista cedida a Bruna Pereira da Nóbrega**. Imperatriz, MA, 13 jul. 2024.

PINHEIRO, C. do S. da S.; MENDES, R. L. R.; OLIVEIRA, M. J. de. Impactos socioambientais causados pela extração de areia e seixo em Porto Grande/AP e sua relação

com o desenvolvimento local. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, v. 15, n. 1, 2019. Disponível em: <https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/4326>. Acesso em: 10 jan. 2026.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

PORTELLI, Alessandro. **Sulla specificità della storia orale**. Milano: Primo Maggio, 1979.

PREFEITURA DE IMPERATRIZ. **História de Imperatriz**. Imperatriz, MA, [2024]. Disponível em: <https://imperatriz.ma.gov.br/portal/imperatriz/historia.html>. Acesso em: 15 jul. 2024.

RODRIGUES, Lysias A. **O rio dos Tocantins**. 2. ed. Palmas: Alexandre Acampora, 2001.

ROSSATTO, Sandra da Luz. **Os impactos socioambientais das enchentes e inundações e sua relação com o processo de ocupação urbana irregular às margens do córrego Urutago no município de Francisco Beltrão – PR**. Francisco Beltrão: UNINTER, 2020.

ROSTOLDO, Jadir Peçanha. Patrimônio e identidade na fronteira da história com a memória. **Patrimônio e Memória**, Assis, v. 17, n. 2, p. 152-168, jul./dez. 2021.

SANTOS, Evane *et al.* **Imperatriz – cidade da gente: história e geografia: estudos regionais: ensino fundamental II: anos finais**. Fortaleza: Didáticos Editora, 2020.

SILVA, Amanda Caroline Cabral da; CARVALHO, José Alberto Lima de. Cheias na Amazônia: estudo socioambiental na cidade de Tefé – AM. **Revista Geonorte**, Manaus, v. 9, n. 33, p. 170-174, 2018. DOI: <https://doi.org/10.21170/geonorte.2018.v9.n33.170.174>.

SILVA, Iêda Rodrigues da. Modo de vida ribeirinho: construção da identidade amazônica. In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 8., 2017, São Luís. **Anais...** São Luís: UFMA, 2017.

SILVA, Tatiana. **Entrevista cedida a Bruna Pereira da Nóbrega**. Imperatriz, MA, 1 nov. 2023.

SILVEIRA, Rafael Brito. **Inundações e alagamentos no município de Itapoá-SC: impactos socioambientais nas áreas urbanas, o caso de 2008**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SOUSA, Maria de Lourdes. **Entrevista cedida a Bruna Pereira da Nóbrega**. Imperatriz, MA, 13 jul. 2024.

SOUZA, Carla Monteiro de. Memória e oralidade: entre o individual e o social. **Revista Histórica**, Porto Alegre, n. 6, 2002.

TIERRA, Pedro. **O porto submerso**. Brasília: [s. n.], 2005.

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da *et al.* Espacialidades e temporalidades urbanas na Amazônia ribeirinha: mudanças e permanências a jusante do rio Tocantins. **Acta Geográfica**, Boa Vista, Edição Especial, p. 117-133, 2011. DOI: 10.5654/actageo2011.0001.0009.

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da; RODRIGUES, Ágila Flaviana Alves Chaves. Insularidades ribeirinhas e à beira-rio: expressões da relação sociedade e natureza na Amazônia metropolitana. **GeoFronter**, Campo Grande, v. 6, p. 1–22, 2020. Disponível em: <http://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>. Acesso em: 16 jan. 2026.

WAYDZIK, F. *et al.* Metodologia para valoração de impactos ambientais de serviços de dragagem: estudo de caso para a Hidrovia do Rio Paraguai. **Revista Gestão & Sustentabilidade Ambiental**, Florianópolis, v. 7, p. 59-78, 2018. DOI: <https://doi.org/10.19177/rgsa.v7e1201859-78>.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 198-215, 1991.